

Ronald Shellard, quatro décadas de amizade verdadeira e grande admiração

Anna Maria Freire Endler*

Professora emérita do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF)

Conheci Shellard na década de 1980 e minha admiração por ele só cresceu com o tempo. Ele era genial como amigo. Sempre muito cordial, alegre, com passagens de humor e seu jeito único de encarar a vida. Os poucos encontros pessoais que tive com ele ficaram marcados em minha memória.

Pouco antes de seu falecimento, quando a Covid impossibilitou encontros pessoais, trocamos inúmeras mensagens digitais. Sempre gostei muito do convívio com ele, pois era uma pessoa de bem com a vida e transmitia muita sabedoria e simpatia. Os primeiros encontros com ele foram devido ao fato de que trabalhávamos no mesmo ramo da Física. Shellard professor na PUC e eu no CBPF, ministrávamos a mesma cadeira na pós-graduação: “Introdução à Física de Partículas”. Tanto ele como eu preparávamos apostilas para os nossos cursos e, quando ele visitava o CBPF para assistir algum seminário ou colóquio, conversávamos sobre o curso e trocávamos ideias e “figurinhas”. O futuro da apostila dele deve ter sido a publicação, pela Sociedade Brasileira de Física, do livro “Partículas e Campos” em 1981, de R. C. Shellard, G. C. Marques e J. A. Swieca. Minha apostila se transformou em “Notas de Física” do CBPF em 1998 e serviu de base ao curso que ministrei neste Centro, na primeira Escola de Verão organizada pelo CBPF naquele mesmo ano. Depois, uma versão mais elaborada, com problemas e suas respostas, foi publicada pela Livraria da Física em 2010 e fez parte de uma coletânea “Tópicos da Física”.

Quando Shellard fazia seu pós-doutorado na Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear (CERN), de 1988 a 1990 e eu trabalhava no CBPF como colaboradora de uma experiência, a NA22, realizada no CERN (foi a primeira participação do CBPF no CERN numa experiência), eu precisava muitas vezes ir lá e procurava então pelo meu amigo Shellard na sala dele. Eram encontros agradabilíssimos, pois contávamos nossos progressos científicos e comentávamos assuntos da atualidade. Um desses encontros aconteceu quando o papa João Paulo II foi visitar aquele laboratório e, como Shellard estava com sua filha Alexia, ainda bebê de colo na época, e o papa pediu para segurá-la nos braços, ficamos eu e Shellard maravilhados com o que acontecera. Ele chegou a comentar comigo como foi bom eu ter testemunhado este feito porque só ele contando não iriam acreditar.

Em 2015, Shellard se tornou diretor do CBPF. Desde que

assumi até o final, com sua morte em 7 de dezembro de 2021, ele governou o CBPF com grande maestria e espontaneidade, sempre aberto ao diálogo, e recebia todos com a mesma afeição. Conseguiu cativar toda a comunidade do CBPF, sempre tratando com grande cordialidade e liderança quem se apresentasse para falar com ele. Ele foi um grande diretor, defensor das mulheres e dos ignorados, abraçando a causa dos injustiçados e esquecidos. Eu, pessoalmente, sou muito grata a ele pelo reconhecimento ao meu trabalho científico no CBPF e pelo apoio que recebi ao publicar no CBPF minha autobiografia intitulada “Perseverança”. Trabalhei 46 anos no CBPF, convivi com muitos diretores desta instituição e, a meu ver, os dois melhores diretores foram Ronald Shellard e Alfredo Marques.

Obrigada, meu querido amigo, por tudo, você vai fazer muita falta ao resto de minha vida.

*Electronic address: amendler@uol.com.br